

A produção social da escrita

RAYMOND WILLIAMS

São Paulo: Editora Unesp, 2014, 357p.

Ugo Rivetti*

Reunião de dezesseis textos de ensaios e palestras que abarcam três das quatro décadas da carreira do autor, *A produção social da escrita* (1984) ilustra com precisão o que é a obra de Raymond Williams. O que amarra os textos aqui agrupados é o esforço que atravessa toda a sua obra de ultrapassar as divisões entre os departamentos universitários, de modo a compor uma abordagem capaz de articular crítica literária, sociologia, história e política. Este volume oferece ao leitor um registro contundente de como Williams se engajou nessa tarefa.

O ponto de partida é a redefinição da ideia de escrita. Na contramão das tendências – como assinala Williams, dominantes tanto na crítica como no senso comum –, que naturalizam a escrita, tomando-a como um processo direto e autônomo, ou como mera questão de estilo (associando as qualidades da escrita às propriedades e capacidades daquele que escreve), Williams procura reter a escrita enquanto atividade com dimensão histórica e social. A própria consideração da escrita como um processo autônomo e direto, assinala o autor, só se tornou possível nas “sociedades industriais modernas”, dada a expansão da alfabetização. Ademais, atentar para a dimensão social é especialmente relevante nesse caso por causa das singularidades dessa atividade: pois, ao contrário de outras formas de comunicação (como a fala), as habilidades básicas da escrita não são resultado

* Mestrando em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ugo.rivetti@usp.br.

necessário de um “processo básico de crescimento em uma sociedade”. Elas são, isso sim, habilidades que têm de ser ensinadas e aprendidas. Por isso, “a introdução da escrita e todos os estágios subsequentes de seu desenvolvimento são intrinsecamente novas formas de relação social” (p.4). Isto posto, o objetivo de Williams nos textos aqui reunidos será o de explorar em que medida a história da escrita e das práticas da escrita revela a forma como as pessoas “assumiram, desenvolveram, estenderam, realizaram e alteraram suas relações” (p.3).

Esse é o fundamento mesmo da posição de Williams em relação aos estudos literários de Cambridge, exposta nos textos das palestras por ele proferidas em 1983 por ocasião da sua aposentadoria como professor de Drama. Os estudos literários, diz Williams, sempre perderam de vista o histórico e o social, o que se revela de forma mais patente – mas não apenas – na sua concepção da história como mero pano de fundo e na sua autodefinição como representante de uma minoria virtuosa contraposta ao comercialismo e ao rebaixamento dos padrões que prevaleceriam na sociedade moderna. Ao contrário, assinala o autor, os estudos literários devem se reconectar aos estudos de linguagem – o que já fora proposto em *Marxismo e literatura* (1977) –, pois é na linguagem que as práticas e as relações concebidas como “literatura” ganham corpo, se tornam reais e perceptíveis. Além disso, dado o caráter social e histórico das convenções literárias, os estudos literários também deveriam se articular às investigações de outras disciplinas, notadamente a história e a sociologia. O desenvolvimento de uma abordagem abrangente, portanto, se impõe como necessidade porque o próprio objeto (as convenções, as formas de escrita) possuem uma natureza multifacetada.

Essa é a perspectiva que orienta as análises de Williams do drama. Aqui, o autor está interessado, sobretudo, em mostrar como o drama possui uma história própria e, portanto, como aquelas que são comumente tomadas como suas características definidoras e permanentes são, na verdade, definições, antes de tudo, convencionais. É isso o que Williams procura demonstrar ao assinalar as mudanças no texto, nos tipos de notação e nas convenções decorrentes do aparecimento do cinema e da televisão (quando drama e teatro deixam de ser coextensivos e quando a própria dramatização se torna uma experiência habitual); ao expor, por meio da análise das convenções linguísticas e de encenação, como o diálogo dramático não se resume à troca conversacional (aquela que se distingue pelo caráter privado); ou ao demonstrar como dramas inscritos em formas dramáticas distintas (no caso, grega e neoclássica), ainda que compartilhando o mesmo tema, denunciam, no texto e na encenação, as ordens sociais diferentes nas quais foram produzidas.

Esse esforço para demonstrar a natureza histórica e social das formas de escrita pauta também as suas análises da prosa e, mais precisamente, do romance. Posto que a prosa é uma forma de comunicação, uma transação entre escritores e leitores organizados em certas relações sociais variáveis, Williams estará interessado em explorar as relações entre diferentes modos de vida e diferentes modos de locução. Trata-se, portanto, de tomar o estilo não como uma qualidade abstrata, cuja

apreciação seria uma função de educação e de bom gosto, mas como índice do tipo de relação que se estabelece entre escritor e público. É com base nisso, inclusive, que se torna possível compreender a relação do romance com uma sociedade em transformação, segundo Williams uma das questões centrais na história do romance inglês no século XIX (objeto de quatro ensaios). Foi no quadro armado por essas transformações – sobretudo, pela expansão do público leitor – e pelas formas como os romancistas reagiram a elas que se cristalizaram as duas grandes tradições do romance inglês: de um lado, a tradição do estilo educado, da análise de situações ou estados mentais que não pressupõe uma relação imediata entre escritor e leitor, mas apenas o domínio social da linguagem; e de outro, a tradição que incorpora, na prosa, ritmos e construções orais, que joga luz e, mais do que isso, assume como sua própria matéria a relação alterada entre escritor e leitor, notadamente, o descompasso entre a linguagem escrita do autor e a linguagem compartilhada por novos leitores – ainda que isso signifique comprometer a linguagem polida.

Assim, o leitor encontrará em *A produção social da escrita* alguns dos traços mais característicos da abordagem de Williams: as análises históricas e comparativas de visada abrangente, o enfrentamento contundente e fundamentado da tradição crítica inglesa e a abordagem em via de mão dupla que, ao mesmo tempo que insere a escrita no quadro histórico e social mais amplo, também procura revelar como é possível, pela análise das formas de escrita, acessar de forma privilegiada e inovadora diferentes aspectos do social. Outro mérito do volume consiste em reunir análises do drama e do romance. Embora esses tenham sido dois dos principais temas das incursões de Williams, muitas vezes tende-se a focar um ou outro, sem atentar para os vínculos que os unem. Mas, mais do que assinalar esses vínculos, os textos de *A produção social da escrita* constituem um registro acurado de como a análise de diferentes formas de escrita e a articulação de campos distintos de investigação desempenham um papel decisivo no projeto teórico de Williams. Em um cenário de crescente especialização, no qual a declaração das filiações e das credenciais impõe-se como obrigação a todo momento, as reflexões de Williams surgem como um ponto de referência para aqueles interessados em desafiar o cânone.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Saramago: ficção e história

João Valente Aguiar e Nádía Bastos

Dependência e imperialismo

João Quartim de Moraes

Crise de transição na economia mundial

Dieter Boris e Stefan Schmalz

Marxismo e reconhecimento

Jair Batista da Silva

Cohen e a teoria da História

Dossiê

31